

CÂNCER INFANTIL: A REALIDADE DA DOENÇA NA FANTASIA DOS CONTOS DE FADAS

Childhood cancer: The sickness reality and the fairy tales fantasy

CÉLIA LÍDIA DA COSTA¹ MARIA TERESA LOURENÇO²

BEATRIZ DE CAMARGO³ DENISE BIER DA SILVA⁴

O atendimento psicológico a crianças internadas por câncer pode ser tarefa difícil. É comum que aconteçam limitações de ordem física e emocional para que a criança possa se expressar através de brinquedos ou mesmo desenhos. Os contos de fadas têm sido usados, em nosso departamento, como um recurso terapêutico no atendimento a essas crianças. Esses contos falam de dificuldades humanas, e tornam mais fácil a expressão de problemas vividos pelas crianças, quando doentes, possibilitando uma abordagem psicológica. Nosso artigo descreve um dos atendimentos realizados através dos contos de fadas, e descreve, também, como se dá esta abordagem, e como são levantados os pontos a serem trabalhados com a criança.

Unitermos: Câncer infantil. Psico-oncologia. Psicologia. Contos de fadas.

Keywords: Childhood cancer. Psycho-oncology. Psychology. Fairy tales.

1 - Coordenadora do setor de psiquiatria infantil do Departamento de Psiquiatria e Psicologia do Centro de Tratamento e Pesquisa-Hospital do Câncer- A C Camargo.

2 - Diretora do Departamento de Psiquiatria e Psicologia do Centro de Tratamento e Pesquisa- Hospital do Câncer-A C Camargo.

3 - Chefe do Departamento de Pediatria do Centro de Tratamento e Pesquisa-Hospital do Câncer-A C Camargo.

4 - Psicóloga.

Endereço para correspondência: Célia Lídía da Costa - Departamento de Psiquiatria e Psicologia- Hospital do Câncer-A C Camargo. Rua Prof. Antonio Prudente, 211. CEP 01509-010, São Paulo-S P, Brasil. Tel: 3272 5120, FAX: 3272 5083.

A prática em atendimento a crianças portadoras de doença crônica nos mostra a extrema dificuldade que existe em se falar com o paciente sobre seus medos. Além disso, a criança frequentemente pára ou limita sua atividade lúdica por razões de ordem física ou psicológica, durante uma internação, restringindo ainda mais suas possibilidades de comunicação e mesmo a elaboração de conflitos.

Os contos de fadas vêm sendo utilizados pelo departamento de Psiquiatria e Psicologia do Hospital A. C. Camargo com a finalidade de ajudar as crianças com câncer a retomarem a atividade lúdica e criativa e a lidarem com várias questões da doença e da internação. Isto porque os contos de fadas são uma “brincadeira séria” que reeditam o que incomodou a humanidade durante gerações e que ainda são questões humanas de difícil abordagem. Têm sua

origem nos medos do ser humano em relação ao que desconhece, e ao que o ameaça.¹ Abordam também aquilo que é proibido, o que ninguém fala, tendo como temas principais o que há de mais íntimo nas pessoas.

Normalmente, não se fala em morte. No entanto essa é uma das questões mais importantes do ser humano. Nos contos de fadas este assunto surge com as mais diversas vestimentas: a floresta, ambiente tão comum nestas histórias, simboliza a passagem para outra vida em vários rituais primitivos, e aparece, nos contos de fadas como referências a estes rituais.¹ As provas, tarefas e todas as formas de ritos de passagem também estariam simbolizando a morte ou sua possibilidade.^{2,3} Tocar no assunto desta forma, possibilita que o mesmo seja abordado.

Em geral, nos contos de fadas, o mal que acomete os personagens traz a sugestão de que estes mereceram o ocorrido. A morte se relaciona à culpa e é geralmente, vista como a pena por faltas de máxima gravidade. O sexo e a sexualidade, estão muitas vezes, relacionados a esta gravidade máxima, assim como também, toda a sorte de prazer está relacionada a pecado/culpa/castigo.²

Quando doente e hospitalizada, a criança freqüentemente tem dificuldade em entender o que lhe acontece, ou mesmo de compreender a repercussão desta situação de doença em sua vida, chegando a dúvidas como: “Por que minha mãe e meu pai não me protegem contra o enfermeiro que quer me machucar?”, “Por que eu tenho de levar uma picada, se não fiz nada de errado, e porque meu pai deixa que façam isso comigo?”. Frequentemente se estabelece então esta associação doença/culpa/castigo.

O conto de fadas possui um gênero preciso.¹ No início do enredo existe um desafio, o qual decorre do desejo de se possuir algo, de ajudar alguém, de reparar um dano, ou resgatar um prejuízo. O herói, então, parte para o confronto, durante o qual enfrenta diversos obstáculos para alcançar seu objetivo. Em meio à sua trajetória, o herói recebe um “recurso mágico” (um objeto ou animal que o auxilia realizando um encantamento), que possibilita seu êxito após uma grande luta contra o

adversário, ou provações e tarefas difíceis. O elemento final, que sempre se repete, é um final feliz.

O conto de fadas pode simbolizar a luta da criança contra o câncer. É a posse do “recurso mágico” necessário para a cura, que buscamos através dos contos: a obtenção da atitude psicológica para o melhor enfrentamento da doença.

Quando a criança pede que se repita um conto, pode ser um indício para o profissional de que algo, em seu conteúdo, está sendo, por ela, elaborado.⁴

As repetições, a livre escolha de contos, as paradas em determinado ponto do texto, voltas ao início, e a mistura de histórias têm sua função no imaginário da criança, e devem ser permitidas.

Caso Clínico

J. E. 15 anos, diagnóstico de osteossarcoma, cirurgia de amputação do membro inferior esquerdo programada para o dia do atendimento.

(psicóloga): Você gostaria de ouvir uma história?

(paciente): Qual a história?

(psicóloga): Você escolhe.

(paciente): Esta: “o menino que saiu pelo mundo para aprender o que é medo”.

Durante a história parecia disperso por várias vezes.

(psicóloga): (após a leitura) O que você achou?

(paciente): Gostei do jovem, ele é corajoso, enfrenta tudo.

(psicóloga): Ele lembra alguém que você conhece?

(paciente): Não, mas eu tive medo no assalto que aconteceu, eu não reagi, não fiz nada, fiquei parado, porque o ladrão estava armado.

(psicóloga): Então você se sente corajoso, mas às vezes tem medo.

(paciente): É, o ladrão estava armado. Aqui no hospital é igual na minha casa. Todos são legais e eu não tenho medo porque vai correr tudo bem. Tinha um menino na cama ao lado chorando porque vai fazer uma biópsia, e isso é uma picadinha só. Eu tenho certeza que vai correr tudo bem.

Através do conto pudemos saber que J E sentia-se impotente, ameaçado e “roubado”. O paciente se identifica com o personagem do conto, que com muita dificuldade de entrar em contato com suas emoções, era tido como corajoso.

(psicóloga): Você se parece com o jovem da história, você não acha?

(paciente): Ah! Eu não quero saber o que é medo não. Você vem me ver depois da cirurgia?

(psicóloga): Claro, mas porque você quer que eu volte depois da cirurgia?

(paciente): Se eu tiver medo, não vou poder falar para os outros...

Abstracts

Psychological attendance with children cancer patients may be very difficult. There are phisical and psychological reasons, resulting in limitations to expression. The fairy tales has been used in our department as a therapeutic resource. They talk about human difficults and make possible the expression and resolution of some special situations that children live when ill.

Referências bibliográficas

1. Bettelheim B. A psicanálise dos contos de fadas. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1998.
2. Propp V. As raízes históricas do conto maravilhoso. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
3. Safra G. Um método de consulta terapêutica através do uso de estórias infantis. São Paulo: 1984. [Dissertação de mestrado - Instituto de Psicologia da USP].
4. Warner M. Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras; 1999.